

MAIS UMA VEZ O REALISMO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Em artigo publicado na Tribuna da Imprensa do dia 14, o sr. Alomar Baleeiro, respondendo a um artigo meu, formula "sem medo de contestação" seis proposições colhidas no ensaio de Jacques Maritain sobre o fim do maquiavelismo e relativas ao funesto erro que o filósofo chama de hipermoralismo. Ora, na queixa que fiz em meu artigo, nunca me passou pela idéia que o sr. Baleeiro tivesse atribuído a Maritain o que ele não disse. Minha reclamação não se refere à fidelidade da citação e sim à fidelidade da hermenêutica. E' bem verdade que Maritain denuncia como um grave vício a atitude farisáica que, em nome da virtude, torna impraticável a ação política, fazendo assim o jogo do maquiavelismo que não se embarça com escrúpulos. Em outro ponto de sua obra (O Homem e o Estado, pg. 77, Agir, 1952) ainda é mais veemente e clara a repugnância do filósofo por esse tipo de absentismo orgulhoso que se paramenta de integristismo moral. Pode o sr. Baleeiro estar certo de que eu não detesto menos do que ele todo o moralismo que pende para a escrupulosidade malsã e ineficaz, e espero que o fato de trazer um novo texto, mais eloquente ainda do que o utilizado nos artigos anteriores, provem a veracidade de minha disposição.

Assentado este ponto, volto a dizer que não me parecem felizes a interpretação e a aplicação prática dadas àquelas proposições, nem me parece recomendável o processo de enumerar uma série de proposições tiradas de um contexto em que a parte essencial, nuclear, positiva, é eclipsada em favor de uma parte acidental que tem caráter de ressalva. Com esse processo, a parte acidental ganha um relevo e um tom que, embora materialmente verdadeiro, se presta à interpretação tendenciosa. O ensaio de Maritain foi escrito para combater o maquiavelismo e para denunciar o que ele tão bem chamou a ilusão do sucesso imediato, e para defender um realismo que é intransigente sem deixar de ser realista, ou melhor, que só é realista porque é intransigente. E a mim me parece, mas posso estar enganado, embora não seja de hoje ou de ontem minha frequência da obra de Maritain, que melhor se aplica às novas diretrizes udenistas o que ele diz do maquiavelismo do que a nós se aplica o que diz sobre o hipermoralismo. Estamos diante de um problema de fronteiras, onde os matices se recobrem, onde os erros pululam, e não pretendo possuir a chave mágica que transforma tão nublada questão numa solar evidência. Não há nada mais difícil do que aplicar ao contingente, ao concreto, os preceitos gerais. Uma coisa entretanto me parece clara no

caso do realismo udenista. Nunca vi nos seus oponentes nenhuma atitude declaradamente hipermoralista, nunca li deles nenhuma profissão de fé que se afastasse daquilo que Maritain chama a "especificidade da ética política". Em compensação, li declarações do sr. Juraci que têm a cândida nitidez de um manifesto maquiavélico. E devo dizer que, para a formação de minha convicção, as diretrizes proclamadas, os slogans, as entrevistas, etc., tiveram muito mais peso do que a aproximação com o sr. Ademar de Barros. Foi somente depois de firmada essa convicção que passei a achar má, moralmente má a aliança procurada com o sr. Ademar de Barros.

Tentarei explicar melhor meu ponto de vista. Em si mesma, uma aliança com o PSP ou com o PTB não pode ser considerada moralmente má, a não ser em termos do tal hipermoralismo. A colaboração de um partido político, em vista de um determinado bem, é inteiramente admissível, e até recomendável em certos casos, apesar dos maus elementos que integrem as fileiras daqueles partidos. O político não deve ter medo de contaminações pelo fato de ter de colaborar com homens de duvidosa formação moral. Direi agora que aquela aliança é má em função da própria UDN. E agora acrescento: não é em função da tal missão histórica, ou dos estandartes udenistas, ou dos lenços brancos, que acho imprópria a aproximação com o sr. Ademar de Barros. Não. As atuais diretrizes, a meu ver, são inaceitáveis em função do que foi a UDN nos seus acertos, e também nos seus erros. Mais de uma vez já escrevi a respeito da falta de substância política da UDN. Sua especificação, como seus próprios líderes a apresentavam, era a da "moralização". Com uma ingenuidade simétrica, e por isso oposta à do sr. Juraci Magalhães, os líderes udenistas se apresentaram à opinião pública como paladinos, como moralizadores, como cruzados contra a corrupção e contra o golpe. Podemos hoje dizer, graças aos textos exumados de Maritain, que a UDN pecava por tendência ao hipermoralismo ou por ausência daquela "especificidade" da ética a que se refere o filósofo. Essa tendência se traduziu pela veemência com que os mais eloquentes vituperavam contra os desmandos dos homens públicos, e pelo relativo descaço que tinham pela eficaz promoção do bem comum em todas as suas dimensões políticas. Mais de uma vez queixei-me da técnica emocionalista usada pelos imprecadores udenistas. Apontei como um mal o recurso à teatralidade e à tensão emocional por achar, como até hoje acho, que a política deve ser uma coisa racional, tranqüila e

paciente, como por exemplo o governo de uma casa. Seja como for, errado ou certo, o fato é que o tom de dó-maior das sinfonias udenistas criou um hábito na opinião pública e um correlato moralismo exasperado na classe média mal politizada. Com mistura de ideais autênticos e de distorções, o eleitorado udenista se habituou a um certo farisaísmo ingênuo mercê do qual cada bom udenista se julgava candidamente melhor do que os outros. Conheço um, por exemplo, que diz assim: "Para mim, toda a filosofia política se reduz a isto: os ladrões devem ser presos". O preceito é excelente, mas insuficiente. Não é só roubando que se lesa o bem comum. Ou então teremos que dar a esse verbo irregularíssimo, apesar de sua gramatical regularidade, sentido muito mais amplo.

Ora, posta a coisa nestes termos, isto é, nos termos dos erros criados pelo grande partido e da correlata distorção da opinião pública, as novas diretrizes nos aparecem como o erro oposto e ainda mais grave. Em vez de procurarem o caminho da retificação gradativa, da substancial politização do partido e de seus seguidores, coisa que não era impossível em vista dos ótimos valores humanos que o partido contém, seus atuais dirigentes se deixaram levar pela dialética interna do erro, que produz oscilações entre os extremos. Cansada de moralizar, a UDN passa agora a negociar. Cansada de vociferar, passa hoje a conversar. E esta nova atitude, que em si mesma seria admissível, torna-se particularmente má por causa da atitude anterior, e sobretudo por causa do impacto que produz na opinião pública. Os atuais líderes udenistas não se preocuparam muito com a anônima multidão de eleitores que durante anos foram adestrados no simplificado moralismo político. Por algumas amostras que encontrei, faço uma idéia aproximada da confusão que deve hoje reinar nas cabeças udenistas. Qual será o resultado? Acompanharão todos, ou a maioria, a nova música e o novo compasso? Ou ficarão muitos, mais moralistas do que nunca, a achar que a política é realmente uma imensa porcaria em que um homem de bem não se deve meter? De qualquer modo haverá prejuízo, e grande, porque uma das coisas essenciais à promoção do bem comum é a crescente politização do povo, e o crescente interesse que tenha a multidão pelos problemas do país. Com suas novas diretrizes, os líderes udenistas desrespeitaram a opinião pública, perturbaram as consciências, decepcionaram o eleitorado, ou então, na pior hipótese para mim, e melhor para o sr. Juraci, transformaram em mulambo de fácil manejo as consciências dos eleitores. O líder versátil, que fascina um grande número obrigando-o a acompanhar as contorsões de sua versatilidade é um líder mau, um deformador de homens.

A aliança com o sr. Ademar de Barros, colocada na concreta conjuntura, e vista em função dos próprios valores udenistas, certos uns e errados outros, tem a particular malignidade do desrespeito à opinião pública. Para uns, renitentemente crédulos nos seus líderes, a aliança será um desagravo do dinâmico Prefeito de São Paulo, injustamente caluniado por alguns jornalistas exaltados. Para outros, mais sensíveis, o episódio será a prova de que não se pode confiar em ninguém. De qualquer modo, seja pelo aumento da credulidade, seja pela conversão ao ceticismo radical, haverá grande prejuízo para todos. A opinião pública foi desrespeitada. Do dia para a noite esperam que milhares de eleitores passem de ingênuos a espertos, de moralistas a pragmáticos; que evoluam daquilo que chamei de farisaísmo ingênuo para o que agora poderão chamar de publicanismo clínico.

Com certo esforço, estou aqui procurando imaginar o que se passa na cabeça dos líderes realistas que por mero acaso estejam lendo estas mal traçadas linhas. A convicção deles, na lógica deles, é que a opinião pública os seguirá, e que as próximas eleições lhes virão dar razão contra a minha vã filosofia. Ora, eu lhes respondo, sem a menor esperança de que entendam a minha lógica, que tanto mais fortes serão as minhas razões quanto melhores forem os seus resultados. Se eles tem razão de esperar que o eleitorado os acompanhe nessa improvisada aventura, tenho eu razão de dizer que houve dano ainda maior. O critério de prova do maquiavelismo, o tal do sucesso imediato, não é o mesmo que usamos e pode eventualmente provar o contrário.